



SOARES, Nellihany dos Santos. Uma primeira edição de *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (Terceira Parte), de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: *Revista Épicas*. Ano 5, N. 10, Dez 21, p. 181-183. ISSN 2527-080-X, DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021v10>

UMA PRIMEIRA EDIÇÃO DE *MEMORIAL DA PAIXÃO DE CRISTO E TRIUNFO DO DIVINO AMOR* (TERCEIRA PARTE), DE SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor (Terceira Parte)*. Prefácio Christina Bielinski Ramalho. Organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, 2019.

Nellihany dos Santos Soares¹

Dando continuidade à leitura do poema épico de Soror Maria de Mesquita Pimentel, com organização de Fabio Mario da Silva, chegamos ao último volume que compõe a trilogia da autora, *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (terceira parte), com data de 1ª edição em 2019. Como é sabido, Silva também se dedicou a organização dos outros dois volumes da monja-poeta: *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (primeira parte) e *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (segunda parte).

O terceiro volume possui o prefácio de Christina Bielinski Ramalho, admiradora do projeto de Fabio Mario da Silva, no qual discorre sobre os apontamentos feitos por Adma Muhana (primeiro volume) e José Augusto Cardoso Bernardes (segundo volume). Ramalho destaca as três vertentes apontadas por Muhana que poderiam chamar a atenção para a obra de Soror Pimentel: a que se voltaria para a poesia do século

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); Docente no Instituto Federal do Pará Campus Belém. nellihany@gmail.com.

XVII; a que se concentraria na “produção conventual portuguesa”; e a que se debruçaria sobre a escrita produzida por mulheres, afirmando que, por sua vez, acrescentaria mais um aspecto: o caráter épico da obra de Pimentel, pois considera que a presença de mulheres autoras de obras épicas em pleno século XVII é, de fato, um marco para a historiografia épica universal. Sobre essa autoria épica feminina, Ramalho chama atenção para o fato de que Silva, desde o primeiro volume, vem salientando a importância da mesma na obra da monja.

Christina Bielinski Ramalho reforça a importância e coragem do projeto de Silva, porque além de contribuir para a crítica, envolve um minucioso trabalho com uma edição muito antiga e os manuscritos, sem prólogo, com estâncias de numeração desordenada e registro lexical em que a grafia não é uniforme. Diante dessas dificuldades, o pesquisador prezou pelo cuidado com os detalhes no momento da transcrição e com a clareza sobre os procedimentos que o mesmo teve que adotar diante de uma fonte manuscrita tão complexa. Ramalho encerra sua fala destacando aquilo que considera como a grande surpresa desse terceiro volume “vem da hipótese de *Memorial da Paixão* ter sido, na verdade, a primeira parte escrita por Pimentel” (RAMALHO, 2019, p. 11).

Memorial da Paixão inicia sua narrativa com a chegada de Cristo a Jerusalém “Cristo a Jerusalém acompanhado/ de todos seus discípulos caminha/ Em cima de um jumento vai sentado” (PIMENTEL, 2019, p. 51), e finaliza com a Ressurreição: “Cristo Sol de justiça ressuscita [...] A pena dos discípulos desterra/ E chegando a seu fim quarenta dias/ Aos Céus se sobe o Rei das hierarquias” (PIMENTEL, 2019, p. 299). A Última Ceia e a Via Sacra também serão descritas nesse *Memorial*, que é composto por onze Cantos e apresenta características próprias de um poema épico como a Proposição, a Invocação, e a presença de elementos do plano histórico e maravilhoso. Silva faz referência à Antónia Fialho Conde, que afirma existir uma clara influência bíblica na ordenação dos episódios do terceiro tomo, maior do que nos outros volumes do *Memorial*. Diante de tal afirmativa, percebemos que emoção, dor e sofrimento servirão de motivação para a narradora do *Memorial da Paixão*.

De forma breve, porém não menos crítica e importante, Silva pontua Canto por Canto da epopeia, a fim de destacar, de modo geral, a temática principal dos mesmos. Diante de tal postura, selecionamos alguns desses Cantos, entre os quais estão: o Canto I, diferentemente das epopeias que estamos acostumamos a ler, *Memorial da Paixão* apresenta dupla invocação por parte da narradora, que chama a Virgem Maria e o deus da mitologia, Apolo, para que a ajude nesta difícil tarefa de narrar a vitória de Cristo sobre a morte: “[...]a vós quero ir subindo/farei que tão sublime seja a rima/.../ No soberano Apolo concordante/ [...] E a vós Virgem Maria vou buscando/ porque é vossa ciência milagrosa/ Que vós, Senhora, sois, não Hipocrene, da graça e do saber fonte perene” (PIMENTEL, 2019, p. 53-54); o Canto III refere-se ao sofrimento e tormento de Cristo, no qual a deusa Diana se mostra sensibilizada diante de tanta dor. Silva explica que nesse Canto, em específico, está uma das chaves de leitura da obra: “a dor e o sofrimento como matérias inspiradoras do

tema, do sacrifício e da construção de Cristo como herói” (SILVA, 2019, p. 19), aproveitando a ocasião para citar Le Breton (2006) e Arantes Gonçalves (2001), estudiosos da temática da dor e do sofrimento; o Canto V narra a condenação de Cristo; o Canto VI narra a sentença e condenação de Jesus por Pilatos. Nesse Canto, Silva destaca uma cena criada por Soror que considera interessante – Judas, o traidor de Jesus, será levado ao inferno por uma por uma figura feminina fantasmagórica. Sobre essa figura feminina, o pesquisador reforça a importância dada ao feminino ao longo da trilogia épica de Pimentel: “Apesar de reforçar as imagens de santidade, virtuosidade e valentia das mulheres [...] a autora quase sempre faz menção à malignidade de criaturas ou monstros com aspectos femininos [...] demonstrando o maniqueísmo religioso e histórico em torno do feminino” (SILVA, 2019, p. 21); no Canto VII o sofrimento de Cristo açoitado é reforçado a em cada verso; O Canto X apresenta detalhes sobre o sepultamento de Jesus, no qual a sua figura como herói se mostra acima dos outros heróis “pela não corruptibilidade de seu corpo”; por fim, o Canto XI narra a ressurreição de Cristo.

Chegamos ao final da leitura do terceiro volume com o conhecimento enriquecido pela trajetória poética desse épico de Soror Maria de Mesquita Pimentel, um marco, sem dúvida alguma, dentro desse gênero. Monja, mulher, que foi capaz de um feito antes idealizado somente por homens, que cumpriu com perfeição o objetivo das grandes epopeias – narrar em tom grandioso, um marco histórico de uma personagem importante para a humanidade, como foi a figura de Cristo.

Pimentel transformou em poema a história da própria humanidade, apresentando ao leitor singularidades como a figura de um herói que está entre o humano e o divino; e uma figura feminina como heroína épica. Ao longo dos onze Cantos, do terceiro volume, ela parafraseia as passagens bíblicas – “Correm ligeiros já quarenta dias/ Em que Cristo Jesus na Terra esteve/ Abrasando em amor as almas frias/ Chega o prazo de seu afastamento/ Pera ir gozar na glória o rico assento” (PIMENTEL, 2019, p. 312) –, acrescentando elementos que possam configurar a obra como pertencente ao gênero épico. Esses elementos tornam os *Memoriais* obras diferenciadas, especiais, sobretudo se pensarmos no delimitado que as mulheres teriam para ter acesso ao conhecimento e publicar uma obra. Sem dúvidas que a trilogia de Soror Maria de Mesquita Pimentel representa a expressão máxima do épico já escrito em um convento, e pelas mãos de uma mulher.